

## COLÓQUIO

“D. NUNO ÁLVARES PEREIRA. O HOMEM E A MEMÓRIA”

---

### **D. NUNO ÁLVARES PEREIRA – ALGUMAS PALAVRAS**

**Prof<sup>ª</sup>. Doutora Margarida Garcez**

(Faculdade de Letras de Lisboa / Academia Portuguesa da História / Vice Presidente do ICEA)

Em 2004 o ICEA organizou o Colóquio “D. Nuno Álvares Pereira. O Homem e a Memória”. Reabria-se então o processo de canonização do Condestável e, independentemente da vinculação que cada um dos membros da Direcção tem ou não com a Igreja ou da relação de cada um com o fenómeno que designamos por “santidade, entendemos que era ocasião de reflectir sobre um dos esteios em que assenta Portugal como estado independente.

A opção de D. Nuno pela causa de D. João, mestre de Avis, como o único legítimo candidato ao trono, traduziu-se na sua opção por Portugal, isto é, por um território com o seu povo que se entregava nas mãos de um rei para o defender e governar.

Muitos combates se travaram nesses anos de 1383-85. Assegurado o apoio do papa de Roma, as diligências diplomáticas deram os seus frutos nas alianças com Inglaterra e Aragão; os combates jurídicos ficaram a cargo do Doutor João das Regras e de outros legistas que puseram o direito romano ao serviço de D. João; no plano da guerra, o génio militar foi D. Nuno Álvares Pereira. São estes os vectores da conquista do poder pelo mestre de Avis e pelos seus fiéis. Mas não foi uma situação fugaz, antes o início da luta pela manutenção do poder sustentada ao longo de décadas, e que tornou irreversível, a longo prazo, a autonomia política portuguesa.

Apesar da dificuldade que o historiador tem em estabelecer uma hierarquia nos elementos que conduziram a uma determinada situação, arriscaríamos dar prioridade ao vector militar neste processo. De facto, as acções bélicas vitoriosas foram o sustentáculo de todos os outros, o argumento máximo perante os povos e, na mentalidade da época, a prova irrefutável da eleição divina. O sucesso do projecto do mestre de Avis assenta nas grandes batalhas vencidas pelos “verdadeiros portugueses” - Atoleiros, Aljubarrota, Valverde - e no seu efeito dissuasor. O prestígio e a grandeza senhorial de D. Nuno caminham a par desta fortuna.

As comunicações então proferidas e agora apresentadas *on line* (na falta de verba para a edição em papel...) lembraram-nos a figura de D. Nuno enquanto chefe militar e enquanto grande senhor; explicam-nos também a permanência do Condestável na nossa memória colectiva, ao longo dos séculos, acrescentando ainda o testemunho do seu desprendimento e do amor aos pobres patente no seu ingresso nos carmelitas e no seu comportamento até ao fim dos seus dias.

Logo após a morte de frei Nuno de Santa Maria, os contemporâneos comprovaram e afirmaram a sua santidade. Pelo ano de 1436 D. Duarte solicita à cúria romana a instauração do processo de canonização desse homem, exemplo de senhores, príncipes e monges, seguro e forte no combate, humilde e piedoso na vitória, justo e misericordioso na paz, obediente e devoto no claustro... São estas as palavras do belo elogio do bem-aventurado conde que o infante D. Pedro compôs, antecedendo uma oração que faria parte do ofício litúrgico do novo santo. Em Julho de 1437, D. Duarte perguntava-se por que razão o processo de canonização não seguia os trâmites normais. Mesmo nas vésperas da partida para Tânger, nós constatamos que o processo ficara bloqueado por Eugénio IV, ou pelo concílio reunido em Basileia, ou pela cúria romana: um facto mais a somar

a tantas reticências e ambiguidades, a que não são alheias, por um lado, a nunca resolvida aversão de Castela pelo estrategista de Aljubarrota e, por outro, a renovação das pretensões daquele reino sobre o Norte de África.

O texto de D. Pedro significa muito mais do que meros lugares comuns de conveniência, pois coincide com o percurso vivencial de D. Nuno, tal como é constantemente referido nos escritos de D. Duarte.

De facto, quando o monarca afirma, glosando São Tomás de Aquino, a relevância do cumprimento das obrigações de estado e que a competência e a perfeição com que se realizam são caminho para a santidade, o cruzamento de textos gerais com os especificamente direccionados a D. Nuno permite-nos perceber que na sua mente está sempre (ousemos afirmar), o “santo conde”. O mesmo se diga quando D. Duarte se refere à grave questão da guerra, ou melhor, ao modo como se há-de fazer para que seja “justa” (segundo os parâmetros lançados por Santo Agostinho): se em termos gerais, nas vésperas da expedição a Tânger, não menciona D. Nuno, quando se trata de concretizar algumas recomendações ao infante D. Henrique, dá-o como exemplo na prática da misericórdia para com os fracos e os prisioneiros, ou no cuidado em impedir pilhagens e chacinas.

D. Nuno não foi virtuoso *apesar* de ser um homem rico e poderoso, ou *apesar* de ser um homem de guerra. Foi virtuoso *na* sua condição concreta de grande senhor e de guerreiro (para além das histórias de encantar do rei Artur e de Galaaz, então em voga...). Isto foi tão óbvio, tão flagrante, que D. Duarte o regista com a sua grande sensibilidade reflexiva, tornando a vida de D. Nuno como modelo daqueles que tinham “vida activa” (isto é, os leigos), pois viveu esse “ABC da lealdade” que preconizou no *Leal Conselheiro*.

Aconteceu com D. Nuno, portanto, uma vivência cristã, se não nova, pelo menos não habitualmente praticada e muito menos proclamada ou registada. Fernão Lopes toma esses escritos, junta-os com os testemunhos

presenciais da casa de Avis e de outros e, por volta de 1450 resume todos os elementos nos magníficos capítulos 199 e 200 da 2ª parte da sua *Crónica de D. João I*: “Da maneira que o Condestável tinha, andando na guerra” e “Que maneira o Conde tinha de viver no tempo da paz”.

Fazemos as contas e passaram 578 anos desde a morte de D. Nuno Álvares Pereira (ocorrida, muito provavelmente no dia 1 de Abril de 1431), até à data da sua canonização, a 26 de Abril deste ano de 2009. Pelas virtudes humanas, ou pela vida cristã, ou pelo amor a Portugal, ou pela caridade para com os pobres... a actualidade da sua figura é incontornável para todos os homens de boa vontade.